

“CULTURAS POPULARES E CULTURA DE ELITE”

Comentário: Zélia Lopes da Silva¹

O convite feito pelos editores da revista *Diálogos*, do Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá, para comentar o texto do Prof. Peter Burke abre uma novidade no campo das publicações brasileiras, visto que o mesmo é resultado de uma conferência apresentada a uma platéia de estudantes e professores do curso de História da referida instituição e não uma mesa redonda da qual eu tenha participado. Ou seja, trata-se de uma fala individual para um público interessado - a maioria estudantes de graduação, portanto futuros historiadores - e não de um colóquio entre especialistas.

O tema é caro ao autor. Suas teses, bastante divulgadas, são conhecidas pela comunidade científica internacional e brasileira, em decorrência das publicações de seus trabalhos que remontam à década de 70.

No caso do Brasil, o contato com a obra do autor é mais recente. O seu livro pioneiro *Cultura Popular na Idade Moderna* foi traduzido com certo atraso, quando a discussão sobre a “**nova história cultural**” já estava disseminada no meio intelectual europeu e o debate já se deslocava para outras dimensões, muito distintas daquelas apontadas na elaboração de sua mencionada obra matriz. Porém, nos últimos tempos, o convívio de Burke com o público brasileiro tem sido recorrente. As suas contribuições sobre temas correlatos, veiculadas nos jornais brasileiros², as palestras proferidas em várias universidades do país e as entrevistas publicadas em revistas especializadas³, todas essas manifestações têm possibilitado um conhecimento maior de sua obra e também das influências intelectuais que conformam sua trajetória de pesquisador e historiador.

¹Departamento de História - UNESP - Assis.

²BURKE, P. *E o mundo fica de ponta-cabeça*. In: *Folha de S. Paulo*, 17-03-1996, Caderno Mais, p. 12.

³Entrevista à revista *Pós-História*, v. 3, 1995, p. 11-23.

Discutir tal texto pressupõe situar o lugar que o autor ocupa no âmbito desse campo de reflexão. Isso implica precisar que se trata de temário que investiga pelo menos há 20 anos e nessa conferência apenas sintetiza suas últimas preocupações em relação à questão, possibilitando, a partir daí, verificar o seu afastamento das análises feitas no decorrer dos anos 70 e, ainda, os alinhamentos atuais.

Burke define como eixo de sua exposição o conceito de história cultural, tentando delimitar os caminhos que levariam ao entendimento das relações que envolvem as **“culturas populares e a cultura da elite”**. O tom do texto é propositalmente pouco referenciado no campo do debate acadêmico, o que o torna demasiadamente genérico em algumas passagens. Essa característica não pode ser atribuída apenas ao fato de ser uma conferência. É também uma opção do autor, que **defende uma linguagem adequada** aos novos tempos.

Ao discorrer sobre o tema, o autor colocou em destaque quatro aspectos para reflexão, estabelecendo como interlocutora a corrente chamada de história cultural tradicional, expressa por J. Burckhardt, um dos seus expoentes, cuja contribuição, embora considere relevante, também evidencia os seus limites. Entende Burke que, em *Cultura do Renascimento na Itália*⁴, o autor expõe uma perspectiva sobre a cultura deslocada do contexto histórico do qual esta emerge, uma vez que não busca suporte na realidade do período. Argui, ainda, que o autor toma, como sustentáculo para sua análise, o pressuposto de que existe um **“espírito da época”** - o 2º ponto de objeção - que, de acordo com o entendimento de Burke, igualmente não se sustenta em evidências históricas. Trata-se de um conceito que, ao buscar o homogêneo, o consenso, perde de vista a diversidade do social. Além disso, Burke faz perceber, em suas objeções, que a idéia clássica de cultura é estreita demais e sua escrita inadequada para a discussão contemporânea.

Ao fazer a crítica aos clássicos da história cultural tradicional, realça que esses estudos já haviam sido questionados por marxistas ortodoxos, que viam neles uma postura claramente alienada e elitista. Burke realça, ainda, o aparecimento de uma vertente crítica - a história social da cultura -, que emerge nos anos 30 deste século, no âmbito do paradigma marxista, cuja preocupação se direcionava no sentido de discutir essa temática, inserindo-a no âmbito das relações sociais. Porém não se detém no exame dessa contri-

⁴Livro publicado no Brasil pela Companhia das Letras em 1991, tendo uma **Introdução** bio-histórica assinada por P. Burke.

buição, citando rapidamente as análises atuais de Raymond Williams e E.P. Thompson.

Isso significa que seu interlocutor inscreve-se no campo da chamada **história cultural tradicional**, uma vez que as contribuições da história social da cultura não receberam o mesmo aporte do autor, tal qual aquele dedicado às contribuições de J. Burckhardt.

Aperceber-se desses alinhamentos não significa abandonar indagações que teimam em aparecer. Por exemplo, como explicar a postura do Prof. Burke de soterramento de contribuições dessa corrente de reflexão? Isso não traduziria a dificuldade de estabelecer as linhagens da nova história cultural, que busca, a todo custo, exorcizar os seus fantasmas? Será que as questões levantadas no âmbito do paradigma marxista não teriam propiciado a revitalização dos estudos da cultura, reatualizando o debate sobre o tema e o questionamento de modelos de análise que congelavam as tensões subjacentes às práticas culturais, através de sua ritualização e do anulamento dos conflitos que se manifestavam em diferentes dimensões do social? Por que essa crítica “ligeira” e “desqualificadora” de uma corrente interpretativa que tem contribuído significativamente para o debate nesse campo, ao redimensionar os estudos sobre a cultura para além dos limites de uma história das artes produzida para as elites?

Por um lado, ao situar-se nesse debate, Burke rejeita a visão unívoca e consensual da cultura, intenção reiterada em outras produções - livro e artigos⁵ -, mantendo-se fiel à metódica que tem utilizado para exame dessa temática. Mas, por outro, as objeções assinaladas nem sempre apagam os seus alinhamentos anteriores. Constata, já de início, a dificuldade de conceituar o que vem a ser “cultura”, sobretudo na contemporaneidade, sem especificar os limites e diferenças em relação ao período estudado e os dias de hoje. Insiste que compreende a cultura numa dimensão plural, partindo da pressuposição da existência de subculturas e não culturas diversas, mas culturas em conflito. A apreensão dessa diversidade de experiências culturais seria possível através do uso do conceito de circularidade das culturas (erudita e popular), fugindo, assim, de uma postura dual herdada dos folcloristas do século XIX, de cujo pensamento, admite, foi tributário.

⁵Refiro-me, em especial, ao livro *Cultura Popular na Idade Moderna*, São Paulo, Cia das Letras, 1987; ao artigo *El “descubrimiento” de la cultura popular*, publicado em Espanha em 1984, resultante de um colóquio ocorrido na Inglaterra, organizado pela WORKSHOP HISTORY. O mesmo foi publicado sob a coordenação de Raphael Samuel sob o título “*História popular y teoria socialista* e também *Learned culture and popular culture in Renaissance Italy*, publicado na *Revista de História*, n. 125/126 da USP, 1991-1992.

Ora, cabe lembrar que o uso do conceito de cultura popular no plural nem sempre fez parte de suas reflexões. No prefácio à edição brasileira de *Cultura popular na Idade Moderna*, reconhece que os seus críticos estavam corretos ao sinalizarem para a dimensão plural da cultura popular. Contudo, assume a publicação do livro sem revisão, por considerar os resultados obtidos ainda válidos para a experiência européia pesquisada e o “modelo analítico” empregado pertinente à discussão do tema. No artigo “Learned culture and popular culture in Renaissance Italy”,⁶ observa que os pesquisadores cada vez mais estão se encaminhando para investigar o tema partindo da **interação** entre a cultura letrada e a cultura popular, ponto de partida que também partilha, apesar de admitir que essa relação não é simétrica.

Embora critique a análise dual - cultura popular x cultura da elite -, fica a dúvida sobre a ruptura, em sua reflexão, em relação a esse modelo. Pelo menos é o que sugere o título de seus textos e essa conferência não escapa a esse enquadramento. É bem verdade que, em sua fala, o autor incorpora parte das críticas feitas às suas interpretações, expressas no livro *Cultura popular na Idade Moderna*, que sintetizam a cultura popular enquanto um fenômeno que se expressa no singular. Em textos posteriores, faz recorrentes afirmações nesse sentido. Contudo, penso que admitir a crítica não garante que a polaridade entre esses dois campos seja desfeita de sua análise. Reafirmar que no campo popular se expressa um universo complexo de subculturas, marcadas por diferenças étnicas, de gênero, profissionais, de idade, religiosas, entre outras, tampouco garante a dissolução dessa visão dual. Isso precisa ser demonstrado na elaboração do material pesquisado. A questão coloca-se em virtude da precariedade de algumas distinções que são apontadas em seus textos, no âmbito de grupos (das chamadas “culturas populares” da Europa moderna) que servem de suporte ao seu conceito “plural” de cultura.

Para concluir, diria que o esforço do autor dirige-se no sentido do questionamento de análises que abordam dimensões da vida cultural do homem, detectadas em experiências sociais distintas e vivenciadas em temporalidades díspares, sem levar em consideração as inter-relações entre os distintos modos de vida dos diferentes grupos sociais aí inseridos. Nesse sentido, a crítica feita aos “**culturalistas**” dirige-se basicamente à perspectiva esposada por eles, que reduz, segundo seu entendimento, o conceito de cultura a uma dimensão unívoca e consensual. O mesmo raciocínio serve de suporte para

⁶Burke, P. In: *Revista História*, n. 125/126.

análise do livro *Orfeu extático na metrópole*,⁷ de Nicolau Sevcenko, cuja visão fragmentada de cultura apenas permite traçar um caleidoscópio da sociedade brasileira do início do século XX.

Não seria esse um problema inerente às vertentes que buscam anular as diferenças de classe no âmbito das sociedades, não obstante as suas evidências? Nesse caso, a “cultura” não passaria de um campo de apaziguamento e diluição das diferenças?

Assis, dezembro de 1996.

⁷SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole. São Paulo sociedade e cultura nos primeiros anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

